

**TEORIA DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E CONTRIBUIÇÕES PARA A
PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA ANOS INICIAIS**

**THEORY OF COGNITIVE DEVELOPMENT AND ITS CONTRIBUTIONS TO
PEDAGOGICAL PRACTICE IN BASIC EDUCATION - EARLY YEARS**

**TEORÍA DEL DESARROLLO COGNITIVO Y SUS CONTRIBUCIONES A LA
PRÁCTICA PEDAGÓGICA EN LA EDUCACIÓN BÁSICA - PRIMERA INFANCIA**



10.56238/CONEDUCA-094

Lidiana da Cruz Pereira

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Vale do Itajaí (UNIVALI)

E-mail: libaroso33@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2641-2233>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4056162673043764>

Glória de Lourdes Silva de Oliveira Melo

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Vale do Itajaí (Univali)

E-mail: releitura.vida@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9378-8092>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1957468355592681>

Ivoneide Silva de Melo Machado

Psicóloga

E-mail: ivonemachado16@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-3944-4949>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7409312833314121>

RESUMO

O estudo analisa as Teorias do Desenvolvimento Cognitivo e suas contribuições para a prática docente na Educação Básica, Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A prática educacional nas salas de aula atualmente é considerada uma tarefa desafiadora pela complexidade dos fatores relacionados ao espaço, materiais, metodologias e à aprendizagem, dado que cada criança é um ser singular em seu ambiente social. A abordagem adotada nesta pesquisa é descritiva e baseada em estudos anteriores, com uma perspectiva qualitativa. As bases teóricas são fundamentadas na teoria de Piaget (1896) e de Wallon (1975), e outros autores que abordam o desenvolvimento mental, emocional e motor, que estão ligados às interações com o ambiente físico e social, sendo fundamental para o desenvolvimento da criança. O estudo conclui que as teorias de desenvolvimento apresentam complexidades tanto na compreensão quanto na aplicação prática em sala de aula, uma vez que as crianças se desenvolvem de maneiras diferentes biologicamente, e isso é influenciado pelo ambiente físico, social e nas condições de vida em que se encontram. Portanto, é essencial que os educadores, com base em estudos sobre as teorias do desenvolvimento, observem cuidadosamente as crianças durante suas atividades escolares.



É importante avaliar suas particularidades intelectuais e momentos de atividade, assim como assegurar que as práticas de ensino, o currículo, o ambiente, o tempo e os recursos didáticos sejam adequados, de forma a atender de maneira eficaz as diferentes fases do desenvolvimento e a promover o progresso integral da criança.

Palavras-chave: Desenvolvimento Cognitivo. Prática Pedagógica. Educação Básica Anos Iniciais.

ABSTRACT

This study analyzes the Theories of Cognitive Development and their contributions to teaching practice in Basic Education, specifically the early years of elementary school. Educational practice in classrooms today is considered a challenging task due to the complexity of factors related to space, materials, methodologies, and learning, given that each child is a unique individual within their social environment. The approach adopted in this research is descriptive and based on previous studies, with a qualitative perspective. The theoretical foundations are grounded in the theories of Piaget (1896) and Wallon (1975), and other authors who address mental, emotional, and motor development, which are linked to interactions with the physical and social environment, and are fundamental to child development. The study concludes that developmental theories present complexities both in their understanding and practical application in the classroom, since children develop differently biologically, and this is influenced by the physical and social environment and the living conditions in which they find themselves. Therefore, it is essential that educators, based on studies of developmental theories, carefully observe children during their school activities. It is important to assess their intellectual particularities and activity levels, as well as to ensure that teaching practices, curriculum, environment, time, and teaching resources are adequate to effectively meet the different stages of development and promote the child's overall progress.

Keywords: Cognitive Development. Pedagogical Practice. Basic Education - Early Years.

RESUMEN

Este estudio analiza las teorías del desarrollo cognitivo y su contribución a la práctica docente en la educación básica, específicamente en los primeros años de primaria. La práctica educativa en las aulas hoy en día se considera una tarea compleja debido a la diversidad de factores relacionados con el espacio, los materiales, las metodologías y el aprendizaje, dado que cada niño es un individuo único dentro de su entorno social. El enfoque adoptado en esta investigación es descriptivo y se basa en estudios previos, con una perspectiva cualitativa. Los fundamentos teóricos se basan en las teorías de Piaget (1896) y Wallon (1975), y otros autores que abordan el desarrollo mental, emocional y motor, los cuales están vinculados a las interacciones con el entorno físico y social, y son fundamentales para el desarrollo infantil. El estudio concluye que las teorías del desarrollo presentan complejidades tanto en su comprensión como en su aplicación práctica en el aula, ya que los niños se desarrollan biológicamente de manera diferente, influenciada por el entorno físico y social y las condiciones de vida en las que se encuentran. Por lo tanto, es esencial que los educadores, basándose en estudios de teorías del desarrollo, observen atentamente a los niños durante sus actividades escolares. Es importante evaluar sus particularidades intelectuales y niveles de actividad, así como asegurar que las prácticas docentes, el currículo, el entorno, el tiempo y los recursos didáticos sean adecuados para atender eficazmente las diferentes etapas del desarrollo y promover el progreso integral del niño.

Palabras clave: Desarrollo Cognitivo. Práctica Pedagógica. Educación Básica - Primera Infancia.



1 INTRODUÇÃO

Este estudo analisa as Teorias do Desenvolvimento Cognitivo e suas contribuições para a prática docente na Educação Básica, Anos Iniciais do Ensino Fundamental. É amplamente reconhecido que o trabalho pedagógico na sala de aula com crianças apresenta diversos desafios para os educadores, uma vez que as condições no ambiente escolar são repletas de fenômenos que demandam planejamento antecipado, observação atenta e cuidadosa da criança, de suas necessidades e transtornos de aprendizagem.

Percebe-se avanços na educação pública fundamental, levando em conta as dimensões do acesso, porém às conquistas ainda são restritas; a qualidade e equidade constituem os maiores desafios a serem enfrentados na educação pelos professores, gestores, crianças e jovens. A educação Básica é marcada pela desigualdade no quesito da qualidade e equidade, embora seja visível que o direito à aprendizagem, o acesso e a permanência nem sempre estão presentes na vida escolar de todas as crianças brasileiras, principalmente de classes desfavorecidas.

Existem vários fatores que podem influenciar de forma negativa o desenvolvimento cognitivo da criança, e esses fatores estão relacionados ao ambiente e às condições de vida em que ela se encontra. Portanto, uma escola apropriada, estruturada e com professores motivados em suas atividades é uma das maneiras pelas quais a criança pode atingir um pleno desenvolvimento mental e emocional, além de promover um progresso significativo na aprendizagem, beneficiando seu bem-estar físico, psicológico e social. Para isso, a análise das teorias relacionadas à criança e suas capacidades cognitivas serve como uma ferramenta para auxiliar os educadores e a escola na realização dessa tarefa que é bastante desafiadora.

Inicialmente, faz-se apresentação das Teorias do Desenvolvimento Cognitivo com ênfase nas etapas do desenvolvimento de acordo com os teóricos Piaget e Wallon. Consecutivamente realiza-se análises das teorias e as contribuições para educação escolar. Os resultados apontam que as teorias relacionadas ao desenvolvimento humano são fundamentais para a compreensão sobre as circunstâncias que influenciam o desenvolvimento cognitivo de crianças, bem como ao desenvolvimento da aprendizagem. No entanto, a implementação prática dessas teorias é complexa e com diversos desafios, uma vez que o ambiente escolar demanda conhecimentos e práticas que ultrapassam o currículo educacional e a formação do professor.

2 METODOLOGIA

Este trabalho é classificado como uma pesquisa descritiva e bibliográfica. Segundo Gil (2002), a pesquisa descritiva é definida pela técnica de descrever as características de um fenômeno específico e se assemelha à pesquisa explicativa. Neste sentido, este estudo visa descrever e analisar não apenas a teoria, mas também os autores e os contextos nos quais foram desenvolvidas. Simultaneamente, as



percepções do pesquisador formam um juízo de valor baseado em sua posição como docente e na sua familiaridade com o ambiente escolar, os alunos e os fenômenos observados na sala de aula.

Para este Gil (2002), as investigações descritivas não se limitam à mera identificação da presença de relações entre variáveis, mas buscam estabelecer a natureza dessa relação. Neste caso, trata-se de uma pesquisa descritiva que se assemelha à explicativa. Assim, o autor enfatiza que “pesquisas que, embora definidas como descritivas com base em seus objetivos, acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias” (Gil, 2002, p. 42).

O presente estudo, que se baseia em uma abordagem qualitativa, visa a interpretação de conteúdos relevantes das teorias discutidas; assim, foi fundamental a imersão nas fontes teóricas, incluindo a análise rigorosa da pesquisa bibliográfica, levando em conta as experiências profissionais e as percepções relevantes dos pesquisadores.

Para Sampieri et al., (2013) a pesquisa qualitativa

É compreender e aprofundar os fenômenos, que são explorados a partir da pesquisa dos participantes em um ambiente natural e em relação ao contexto. O enfoque qualitativo é selecionado quando buscamos compreender a perspectiva dos participantes [...] sobre os fenômenos que os rodeiam, aprofundar em suas experiências, pontos de vista, opiniões e significados, isto é, a forma como os participantes percebem subjetivamente sua realidade (SAMPIERI et al., 2013, p. 376).

A pesquisa com enfoque qualitativo busca principalmente a análise dos dados de forma aprofundada, sendo específica para cada situação. Os dados são examinados minuciosamente para o caso em questão, levando em consideração a perspectiva histórica e social durante o processo de análise.

A respeito das análises dos textos construídos a partir da base teórica, a autora a seguir diz que:

Analisar significa estudar, decompor, dissecar, dividir, interpretar. A análise de um texto refere-se ao processo de conhecimento de determinada realidade e implica o exame sistemático dos elementos; portanto, é decompor um todo em suas partes, a fim de poder efetuar um estudo mais completo, encontrando o elemento-chave do autor, determinar as relações que prevalecem nas partes constitutivas, compreendendo a maneira pela qual estão organizadas, e estruturar as ideias de maneira hierárquica. É a análise que vai permitir observar os componentes de um conjunto, perceber suas possíveis relações, ou seja, passar de uma ideia-chave para um conjunto de ideias mais específicas, passar à generalização e, finalmente, à crítica (LAKATOS, 2023, p. 28).

O pesquisador desempenha uma função essencial na realização de um estudo científico, assumindo a responsabilidade de trazer à tona de maneira clara a dimensão ética, filosófica e política, visando promover mudanças sociais e contribuir para a geração de novos conhecimentos.

Assim, as pesquisas científicas não devem ser apenas informativas e críticas das particularidades políticas e sociais. É necessário reconhecer as deficiências nas esferas política e



administrativa, assim como apresentar soluções para os aprimoramentos e novas direções a serem exploradas.

3 RESULTADOS

3.1 ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO SEGUNDO JEAN PIAGET

Com base nas teorias psicológicas do desenvolvimento, os teóricos Jean Piaget (interacionista) e Henri Wallon (sociointeracionista) propõem diferentes fases do crescimento cognitivo de uma criança. Essas teorias proporcionam ao educador uma perspectiva sobre o desenvolvimento da criança e suas fases, que não são fixas, mas sim dinâmicas, complexas e requerem uma atenção cuidadosa para estruturar o ensino de forma a atender as especificidades cognitivas. Assim, são fatores significativos a serem levados em consideração no que diz respeito ao desenvolvimento humano, entre outras áreas. Para adaptar o ensino, de modo que auxiliem a criança em seu desenvolvimento e avanços, os educadores podem modificar os métodos e os conteúdos de acordo com a capacidade de compreensão da criança, começando por identificar suas necessidades, dificuldades ou distúrbios de aprendizagem, o que permitirá a realização de intervenções apropriadas.

Entender os fatores do desenvolvimento infantil é de suma importância para o educador que trabalha com o ensino de crianças desde a educação infantil. Contudo, é fundamental ressaltar que essas teorias não devem ser vistas como métodos de ensino, nem os autores discutiram a educação; o foco do estudo foi exclusivamente no desenvolvimento mental de acordo com Piaget e de Wallon e influências do meio físico e social. A este respeito, Goulart (2015, p.161) sinaliza que “muitos especialistas em Pedagogia têm se apropriado das ideias de Piaget e elaborado propostas bem definidas de ensino, entre esses destaca Hans Furth, Hans Aebli e Ruth Berd”.

A seguir, discute-se os dois teóricos muito influentes nas investigações sobre o desenvolvimento cognitivo das crianças: Piaget e Wallon. Os autores conduziram pesquisas que se conectam em vários aspectos das fases do desenvolvimento cognitivo na infância e as condições necessárias para o progresso da inteligência em cada fase. Assim, é fundamental destacar como cada um deles determina o desenvolvimento mental da criança, o qual o educador deve avaliar o que considerar dessa teoria para o ensino prático e as contribuições relevantes à educação.

O biólogo Jean Piaget, considerado interacionista, e também epistemólogo, nasceu na Suíça em 1896 e faleceu em 1980. O objetivo central de sua pesquisa foi analisar de que maneira o ser humano desenvolve o conhecimento, ou seja, como a criança transita de um estágio inicial, no qual ainda não possui domínio da linguagem, habilidades motoras e compreensões do mundo físico. Assim, sua teoria se insere na área da epistemologia genética, uma vez que ele investigou a origem interna do conhecimento humano.



Um dos aspectos essenciais da teoria de Piaget é a compreensão de que o desenvolvimento mental passa por um processo de equilibração progressiva, que perpassa por um estado menor para um estado de equilíbrio superior.

Dessa forma, Piaget apresenta em seus estudos que:

O desenvolvimento mental é uma construção contínua, comparável à edificação de um grande prédio que, à medida que se acrescenta algo, ficará mais sólido, [...]. Mas, é preciso introduzir uma importante diferença entre dois aspectos complementares deste processo de equilibração. Devem-se opor, desde logo, as estruturas variáveis definindo as formas ou estados sucessivos de equilíbrio - a um certo funcionamento constante que assegura a passagem de qualquer estado para o nível seguinte (PIAGET, 1896, p. 14).

Ao equilíbrio destas assimilações e acomodações, Xavier (2015) diz que Piaget denominou adaptação, pois o desenvolvimento mental se dará no sentido de promover uma adaptação mais precisa à realidade. Assim, o desenvolvimento mental é um processo contínuo que começa na infância e se estende até a idade adulta, passando por diversas etapas e sendo influenciado pelos processos internos biológicos e ambiente externo. A visão de Piaget sugere que a mente humana é ativa, e o crescimento abrange o estado físico, mental e emocional.

Piaget observou seus próprios filhos e classificando estruturas que se formam por meio de quatro etapas do desenvolvimento cognitivo, as quais se distinguem entre si e o desenvolvimento cronológico depende de cada criança. Cada fase é marcada por características únicas que a diferenciam das fases anteriores, portanto, cada fase seguinte depende da anterior. A essência dessas estruturas vai se mantendo nos estágios seguintes e ocorrem os processos de acomodação, desenvolvimento e os processos mentais vão evoluindo cada vez mais conforme o indivíduo interage com o ambiente físico.

Estágio (*sensório-motor*), do nascimento até os dois anos de idade, que de acordo com Piaget (1896, p. 15), são dos reflexos, ou mecanismos hereditários, assim como também das primeiras tendências instintivas (nutrições) e das primeiras emoções. Esse período vai do nascimento até a aquisição da linguagem, é marcado por um importante desenvolvimento. Para Piaget (1996-950), este estágio é decisivo para todo o curso da evolução psíquica, o qual a criança conquista a percepção e os movimentos motores.

Moreira (2023, p. 76) destaca que no estágio sensório-motor, segundo Piaget, “a criança não diferencia seu eu do meio em que a rodeia: ela é o centro e os objetos existem em função dela”. As funções motoras ainda não são coordenadas e sim isoladas, e a única referência é o próprio corpo da criança, decorrendo daí o egocentrismo.

Estágio (*pré-operatório*), vai de 2 aos 6 ou 7 anos, com o surgimento da linguagem, símbolos e imagens mentais, inicia uma etapa muito importante no desenvolvimento mental da criança, ocorrem os hábitos motores e das primeiras percepções organizadas, como também dos primeiros sentimentos diferenciados.



Moreira (2023, p. 76) adverte que nesse estágio o pensamento da criança começa a se organizar, mas não é ainda reversível. Ele diz que “o pensamento da criança não é capaz de percorrer um caminho cognitivo e, depois, percorre-lo mentalmente em sentido inverso de modo a reencontrar o ponto de partida não modificado”. Nesse estágio a criança continua egocêntrica, vendo a realidade como ela experiência, sendo coerentes ou não. A criança geralmente cai em contradição ao se defrontar com situações de conservação do todo, como por exemplo (alterando a forma, altera a quantidade, peso, etc.), assim um recipiente alto e fino e outro baixo e largo contendo a mesma quantidade de água. A criança escolhe pela altura do recipiente, ora para a largura, e no sentido dela o mais alto e fino tem mais água.

Estágio (*operatório concreto*) ocorre por volta de 7 a 11 anos de idade, é da inteligência sensomotora ou prática, anterior à linguagem. Piaget atribui que este estágio é das regulações afetivas elementares e das primeiras fixações exteriores da afetividade. Estes três primeiros estágios constituem o período da lactância, isto é, anterior ao desenvolvimento da linguagem e do pensamento. De acordo com Moreira (2023, p. 77), “o pensamento da criança é mais organizado, tem característica de uma lógica de operações reversíveis. [...] Durante esse período, a criança ganha precisão no contraste e na comparação de objetos reais e torna-se capaz de prever qual recipiente tem mais água”.

Estágio (*operatório formal*) de onze-doze anos da inteligência intuitiva, dos sentimentos interindividuais espontâneos e das relações sociais de submissão ao adulto. A partir daí as operações intelectuais concretas, começo da lógica e dos sentimentos morais e sociais de cooperação. Bem como é o estágio das operações intelectuais abstratas, da formação da personalidade e da inserção afetiva e intelectual na sociedade dos adultos (adolescentes). Moreira (2023, p. 78), expressa que o na adolescente, o indivíduo é capaz de “fazer raciocínios hipotético-dedutivo, ele passa a buscar hipóteses gerais que possam explicar fatos observáveis que tenham ocorrido”. Nesse estágio o adolescente é capaz de manipular construtos mentais e correlacionar.

Para Piaget (1999, p. 15) cada estágio é caracterizado pela aparição de estruturas originais, cuja construção o distingue dos estágios anteriores. [...]. Piaget destaca que a cada estágio ocorrem modificações pelo desenvolvimento anterior, em função da necessidade de melhor organização. Assim, designou que cada estágio constitui, pelas estruturas que o definem, uma forma particular de equilíbrio, efetuando-se a evolução mental no sentido de uma equilibração sempre mais completa.

3.2 ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO SEGUNDO HENRI WALLON

O francês Henri Paul Hyacinthe Wallon (1879-1962) foi um psicólogo, filósofo, médico e político. Tornou-se conhecido por seu trabalho científico sobre a Psicologia do Desenvolvimento e com experiência na área médica da psiquiatria. Focou seus estudos para compreender o campo da psique humana, direcionada para a criança, por isso sua teoria é sobre a gênese dos processos psíquicos.



Wallon buscou entender a pessoa em um processo dinâmico e completo, para isso investigou a criança na sua evolução psíquica e no desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor, elaborando esse desenvolvimento por diferentes etapas e as interligações entre cada campo e suas implicações no desenvolvimento da personalidade.

Wallon (1968, p. 13), estudou as condições materiais do desenvolvimento da criança, condições tanto orgânicas como sociais, e em ver como se edifica, através destas condições, um novo plano de realidade que é o psiquismo, a personalidade.

Galvão (2023), destaca que Wallon desenvolveu um estudo integrado do desenvolvimento:

Os vários campos funcionais nos quais se distribui a atividade infantil (afetividade, motricidade, inteligência). Vendo o desenvolvimento do homem, ser “geneticamente social”, como processo em estreita dependência das condições concretas em que ocorre, propõe o estudo da criança contextualizada, isto é, nas suas relações com o meio. (GALVÃO, 2023, p. 29).

A autora define o projeto teórico de Wallon, como sendo a elaboração de uma psicogênese da pessoa completa. Isso quer dizer, que Wallon foi além do que apenas estudar a psicogênese do desenvolvimento da inteligência, a qual está relacionada como se desenvolve a aprendizagem da criança. Em suma, Wallon (1968) observa que diante do processo de desenvolvimento há impactos que modificam o comportamento conforme as condições do meio. Ou seja, tanto o desenvolvimento interno quanto a personalidade sofrem influências pelo meio social e isso ocorre de diversas formas na criança.

A este respeito, Wallon explica que:

Para quem não separa arbitrariamente o comportamento e as condições de existência próprias de cada época do desenvolvimento, cada fase constitui, entre as possibilidades da criança e do meio, um sistema de relações que os faz especificarem-se reciprocamente. O meio não pode ser o mesmo em todas as idades. É composto por tudo aquilo que possibilita os procedimentos de que dispõe a criança para obter a satisfação das suas necessidades. Mas por isso mesmo é o conjunto dos estimulantes sobre que se exerce e se regula a sua atividade. Cada etapa é ao mesmo tempo um momento da evolução mental e um tipo de comportamento. (Wallon, 1968, p. 48).

Assim, cada fase representa um momento em que o elemento orgânico (habilidades internas) e o aspecto social (contexto cultural) se conectam para facilitar o crescimento total da criança. É evidente que crianças da mesma idade, mas de meio social diferentes, conseguem realizar uma tarefa complexa, enquanto outra criança da mesma faixa etária, pode não conseguir realizar a mesma atividade. Nem por isso uma pode ser considerada mais inteligente que a outra. Elas apresentam experiências com o meio em que a interação foi mais estimulada. A criança que consegue realizar a tarefa complexa, teve mais oportunidades, ou um meio que estimulou e possibilitou o desenvolvimento daquelas habilidades específicas necessárias para a atividade.



Não se trata de uma inteligência superior, mas de uma experiência social mais rica ou direcionada. Desta maneira, Wallon explica que:

O desenvolvimento psíquico da criança apresenta oposições como se observam em qualquer processo de transformação, mas que devido à sua amplitude e à diversidade das suas condições devem suscitar aqui problemas importantes. [...]. Deste modo, na criança, opõem-se e implicam-se mutuamente fatores de origem biológica e social. Ao mesmo tempo que em cada etapa se realiza um equilíbrio estável entre as possibilidades atuais e as condições de vida correspondentes, tendem a operar-se mudanças cuja causa é estranha a esta exata relação funcional. Esta causa é orgânica. (Wallon, 1968, p. 49).

Wallon descarta a divisão artificial entre o que é interno (ações e capacidades da criança) e o que é externo (circunstâncias de vida e ambiente). Para ele, em cada fase do crescimento, a criança e o ambiente constituem um conjunto de interações que podem modificar sua maturação.

Gratiot-Alfandéry (2010, p. 34) diz que “a teoria psicogenética do desenvolvimento da personalidade de Wallon integra a afetividade e a inteligência. [...] essa dinâmica é marcada por rupturas e sobreposições, [...] as mudanças de fases não se dão por sucessão linear, como compreende, por exemplo, Piaget”.

Gratiot-Alfandéry (2010, p. 37), Henri Wallon destaca que:

A afetividade é central na construção do conhecimento e da pessoa. O desamparo biológico que caracteriza os dois primeiros anos da vida humana, em razão das precárias condições de maturidade orgânica, determina um longo período de absoluta dependência da criança dos cuidados de um adulto para poder sobreviver. Isso torna a emotividade a força que garante a mobilização do adulto para atender suas necessidades. Pensando assim, Wallon afirma que a expressão emocional é fundamentalmente social, pois precede e supera os recursos cognitivos.

É conhecido que a criança, desde muito pequena, interage com o mundo, principalmente, através das emoções, como “chorar” quando sente fome, ou busca a atenção, e fazer “birra” quando deseja algo como um objeto. A dependência de um adulto para satisfazer suas necessidades resulta em laços emocionais profundos com os pais. Neste contexto, Wallon afirma que o desenvolvimento emocional é essencialmente social, e precede habilidades cognitivas.

Wallon propõe que a criança passa por seis estágios de desenvolvimento, os tais ocorrem da seguinte forma: Estágio *Impulsivo-emocional*, abrange o primeiro ano de vida de uma criança, a emoção é instrumento privilegiado de interação. (Galvão, 2023, p. 39).

É por meio das emoções que a criança forma suas primeiras interações sociais e com o ambiente ao seu redor. Os movimentos do bebê, no começo, são desordenados e, gradualmente, tornam-se mais coordenados à medida que as diferentes emoções se manifestam.

Estágio *Sensório-motor e projetivo*, vai até o terceiro ano de idade, o interesse da criança se volta para a exploração sensório-motora do mundo físico. (Galvão, 2023, p. 39). Sendo caracterizado principalmente pelas interações externas e pelo desenvolvimento da inteligência. Este estágio é prático



e experiencial, pois os campos funcionais estão interligados; geralmente, o pensamento se manifesta por meio de ações motoras. Durante este período, nota-se a presença dos elementos simbólicos e da imitação, que apoiam o avanço da linguagem.

Estágio *Personalismo*, faixa dos três aos seis anos, a tarefa central é o processo de formação da personalidade. A construção da consciência de si, que se dá por meio das interações sociais, reorientando o interesse da criança pelas pessoas, o retorno da afetividade (Galvão, 2023, p. 39-40). No estágio de personalismo, observa-se que a criança é influenciada por fatores afetivos, demonstrando que já possui preferências em relação ao que deseja e interesses por diferentes tipos de alimentos.

De acordo Gratiot-Alfandéry (2010, p. 35), para Wallon este estágio se prolonga até os seis anos de idade; durante esse período, a personalidade e a autoconsciência da criança se desenvolvem. Nesse processo, a criança começa a se opor ao adulto com quem convive e, simultaneamente, os adultos tornam-se modelos a serem imitados, tanto nas habilidades motoras quanto nas características sociais.

Estágio *Categorial*, por volta dos seis anos, consolidação das funções simbólicas e a diferenciação da personalidade e avanços no plano da inteligência. (Galvão, 2023, p. 40). A criança passa a pensar conceitualmente, avançando para o pensamento abstrato e raciocínio simbólico, favorecendo funções como a memória voluntária, a atenção e o raciocínio associativo.

Estágio da *Adolescência*, a partir dos onze anos. A crise pubertária rompe a “tranquilidade” afetiva que caracterizou o estágio categorial e impõe a necessidade de uma nova definição dos contornos da personalidade. (Galvão, 2023, p. 40).

Neste período, as mudanças físicas e emocionais predominam na dimensão afetiva. Nesta etapa da adolescência, em razão das alterações hormonais, é comum que surjam conflitos internos e externos. O indivíduo se volta para si mesmo, buscando se auto afirmar e lidar com as transformações relacionadas à sua sexualidade e às crises emocionais.

A compreensão das teorias do desenvolvimento dos autores abordados é fundamental para o campo da educação escolar e professores construir suas práticas pedagógicas e curriculares alinhadas às questões que envolvem desenvolvimento (mental, físico, emocional) e a essência humana.

4 DISCUSSÃO

4.1 TEORIA DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Os estágios do desenvolvimento descoberto por Piaget são importantes para que o professor compreenda as condições que afetam o progresso cognitivo da criança. O ambiente da sala de aula não se limita a uma posição passiva de espectador. É um espaço de acolhimento à infância, interação, dinamismo e experiências criativas que favorecem e estimulam o desenvolvimento gradual da criança.



A respeito do método clínico de Piaget, a autora a seguir corrobora que:

A extensão do método clínico às situações escolares pode ser interpretada como esta atitude de observação. Na realidade, os professores geralmente se mostram tão preocupados em ensinar, que não têm paciência suficiente para esperar que as crianças aprendam. Por isto, dificilmente aguardam as respostas da criança e com isto perdem a oportunidade de acompanhar, através de respostas espontâneas, a estrutura de raciocínio de seus alunos (GOULART, 2015, p.161).

Quanto mais há desequilíbrio nos esquemas mentais, novas assimilações e adaptações ocorrem com a criança. De acordo com Goulart (2015), a tese piagetiana é que o desenvolvimento cognitivo é um processo sequencial marcado por etapas caracterizada por estruturas mentais.

A autora a seguir, diz que, “[...] em cada uma das etapas a maneira de compreender os problemas e resolvê-los depende da estrutura mental que a criança apresenta naquele momento”. Goulart (2015, p. 163). Nesse contexto, o professor poderia observar de maneira criteriosa o momento em que a criança se situa em seu desenvolvimento. Ademais, poderia utilizar dos instrumentos de sondagem de prontidão propostos por Piaget, e o trabalho pedagógico partir de onde a criança apresenta necessidade para desenvolver.

Observa-se, conforme apresenta Piaget, o desenvolvimento mental são processos que ocorrem concomitantemente ao desenvolvimento físico.

Da mesma maneira que um corpo está em evolução até atingir um nível relativamente estável - caracterizado pela conclusão do crescimento e pela maturidade dos órgãos, também a vida mental pode ser concebida como evoluindo na direção de uma forma de equilíbrio final, representada pelo espírito adulto. [...] Assim, do ponto de vista da inteligência, é fácil se opor a instabilidade e incoerência relativas das ideias infantis à sistematização de raciocínio do adulto. No campo da vida afetiva, notou-se, muitas vezes, quanto o equilíbrio dos sentimentos aumenta com a idade. E, finalmente, também as relações sociais obedecem à mesma lei de estabilização gradual. (PIAGET, 1999, p. 13).

De acordo com Piaget, o desenvolvimento mental da criança é um processo contínuo e progressivo que requer cada vez mais a necessidade de que a criança interaja com o ambiente físico e social. Esse entendimento é de suma importância para que a escola organize espaços e materiais estratégicos para empreender o avanço da aprendizagem da criança, pois depende desse contato com o contexto físico (materiais) e linguagem para o processo de assimilação, desequilíbrio e acomodação.

A este respeito, Piaget compreende que:

Assimilando os objetos, a ação e o pensamento são compelidos a se acomodarem a estes, isto é, a se reajustarem por ocasião de cada variação exterior. Pode-se chamar "adaptação" ao equilíbrio destas assimilações e acomodações. Esta é a forma geral de equilíbrio psíquico. O desenvolvimento mental aparecerá, então, em sua organização progressiva como uma adaptação sempre mais precisa à realidade. (PIAGET, 1999, p. 17).



Nesse sentido, a criança em seu crescimento físico evolui a inteligência gradativamente, sendo capaz gradativamente de realizar tarefas complexas do estágio anterior, como por exemplo: ampliar vocabulário por meio da linguagem, movimentar-se, pensar abstratamente, manipular objetos, entre outras diversas habilidades. Porém, essa evolução ocorre em conjunto com os esquemas mentais, motor e emocional.

Piaget caracteriza o esquema de Assimilação a forma de agir do organismo (mente) frente à realidade. Desta forma, a mente é vista como um conjunto de esquemas que se aplicam à realidade. Eles tendem a incorporar elementos exteriores compatíveis com sua natureza e a assimilar-se mutuamente em estruturas cada vez mais amplas, móveis e estáveis.

Moreira (2023, p. 80) atribui que a teoria de Piaget é sobre o desenvolvimento mental, e não da aprendizagem, para ele, “só há aprendizagem (aumento de conhecimento) quando o esquema de assimilação sofre acomodação”. Ensinar/Educar significa provocar o desequilíbrio na mente da criança para que ela busque o reequilíbrio (equilibração majorante), se reestruture cognitivamente e aprenda.

Sendo assim, o ensino deve ativar esse mecanismo através de tarefas que sejam cada vez mais superação do potencial da criança. Essa ativação deve ser compatível com o nível de desenvolvimento mental (estágio cognitivo) em que a criança se encontra. É um erro comum tentar ensinar conteúdos que pressupõem conservação e reversibilidade às crianças que ainda não as têm, ou ensinar em nível puramente formal a crianças que estão em raciocínio operacional-concreto em muitas áreas.

Dessa forma. Moreira (2023, p. 81) sinaliza que para Piaget, “só há aprendizagem quando há acomodação, ou seja, uma estruturação da estrutura cognitiva (esquema de assimilação existente) do indivíduo que resulta em novos esquemas de assimilação”. Assim, a mente como uma estrutura cognitiva, busca manter o equilíbrio, elevando continuamente seu nível de organização interna e adaptando-se ao ambiente.

As implicações da teoria do desenvolvimento mental, demonstram que o ensino deve ser através de ações e demonstrações. A criança deve ter oportunidade de agir (trabalho prático). A ação deve estar integrada à argumentação do professor para gerar conhecimento.

Piaget defende os métodos ativos:

As transformações da ação provenientes do início da socialização não têm importância apenas para a inteligência e para o pensamento, mas repercutem também profundamente na vida afetiva. [...] Em toda conduta, as motivações e o dinamismo energético provêm da afetividade, enquanto que as técnicas e o ajustamento dos meios empregados constituem o aspecto cognitivo (senso-motor ou racional). Nunca há ação puramente intelectual (sentimentos múltiplos intervêm, por exemplo: na solução de um problema matemático, interesses, valores, impressão de harmonia etc.), assim como também não há atos que sejam puramente afetivos (o amor supõe a compreensão). Sempre e em todo lugar, nas condutas relacionadas tanto a objetos como a pessoas, os dois elementos intervêm, porque se implicam um ao outro. (PIAGET, 1999, p. 33).



Nesse processo o professor é indispensável para criar situações e dispositivos iniciais que suscitem problemas e organizar exemplos que levem ao controle das soluções apressadas. O professor deve estimular a pesquisa e o esforço, em vez de transmitir soluções prontas. Precisa estar bem informado sobre as peculiaridades do desenvolvimento da inteligência. Se o ambiente for pobre em situações desequilibradoras, o educador deverá produzi-las artificialmente, evitando desequilíbrios que não levem à equilíbrio majorante.

Wallon, assim como Piaget, procurou entender como o desenvolvimento mental ocorre na criança, ambos concordando que a inteligência não é algo que vem de nascimento. De acordo com esses autores, ao nascer, a criança começa a desenvolver a mente à medida que cresce e tem experiências com o ambiente físico e social. Dessa forma, o desenvolvimento da inteligência ocorre progressivamente até a fase adulta, sua evolução depende com o contato que o indivíduo possui em seu entorno social e cultural. Nessa perspectiva, entretanto, o desenvolvimento não é uma linha reta e hierárquica (como em Piaget), mas sim uma sequência de crises e conflitos que resultam em uma transformação dialética.

Galvão (2023, p. 29) esclarece que Wallon compreende que o desenvolvimento da inteligência é impulsionado por fatores biológicos, cognitivos quanto por influências sociais e afetivas. Desta forma, a proposta de Wallon é considerada uma Psicogenética do indivíduo integral. Isto ocorre porque é evidente que o ser humano está interconectado com os fatores biológicos (cognitivos/motores) e psicológicos (emocionais/sociais).

A este respeito, Galvão (2023) suscita que

Wallon vai progressivamente, cedendo espaço de determinação ao social. Presente desde a aquisição de habilidades motoras básicas, como a preensão e a marcha, a influência do meio social torna-se muito mais decisiva na aquisição de condutas psicológicas superiores, como a inteligência simbólica. É a cultura e a linguagem que fornecem ao pensamento os instrumentos para sua evolução. O simples amadurecimento do sistema nervoso não garante o desenvolvimento de habilidades intelectuais mais complexas. Para que se desenvolvam, precisam interagir com “alimento cultural”, isto é, linguagem e conhecimento. Assim, não é possível definir um limite terminal para o desenvolvimento da inteligência, nem tampouco da pessoa (GALVÃO, 2023, p. 36).

Wallon compreende que não há fronteiras para o desenvolvimento da inteligência do ser humano; nossas habilidades são infinitas, pois, ao interagir com aspectos da cultura, conseguimos absorver saberes. Isso varia conforme o ambiente em que a pessoa se encontra. Para Galvão (2023), as funções mentais podem continuar seu desenvolvimento em um processo contínuo e complexo, mesmo após já terem atingido a maturidade.

O desenvolvimento da criança, para Wallon, é um processo que pode ser contínuo ou descontínuo, pois cada fase traz transformações a partir da etapa que a precede. Entretanto, as ações do processo anterior podem ser mantidas no processo subsequente, o que infere que o avanço depende



das circunstâncias em que a pessoa vive. Logo, a afetividade é fator de motivação para a aprendizagem e deve estar ligada diretamente à prática pedagógica, assegurando que o vínculo e o ambiente emocional da sala de aula são pré-requisitos para o avanço cognitivo.

Piaget propõe que o desenvolvimento mental passa por um processo de equilíbrio progressiva, conforme os estágios, perpassa por um estado menor para um estado de equilíbrio superior, enquanto Wallon enfatiza que o desenvolvimento é caracterizado pela alternância funcional e por conflitos e crises que promovem uma transformação dialética das funções, não seguindo uma trajetória linear e hierárquica contínua de superação, mas sim uma sequência de reorganizações motivadas por essa alternância entre o afetivo e o cognitivo.

Wallon, por exemplo, enfatiza a interconexão entre os campos afetivo, motor e cognitivo, sendo a afetividade central na construção do conhecimento e o contexto sociocultural. O desenvolvimento é um processo contínuo e descontínuo, em oposição à “equilíbrio progressiva” e hierárquica de Piaget, pois cada fase traz transformações, mas as ações do processo anterior podem ser mantidas no subsequente

Piaget (Psicogenética Cognitiva) com o foco principal na cognição (Inteligência). Assim, a natureza dos Estágios é sequencial e hierárquica (o estágio anterior é pré-requisito para o próximo). Os mecanismos de mudanças ocorrem pela Equilíbrio (busca constante pelo equilíbrio entre assimilação e acomodação).

Wallon (Psicogenética Funcional) seu foco principal foi a integração das dimensões afetivas (emoção), motora e cognitiva. A natureza dos Estágios persiste em alternância funcional (ora predominância afetiva, ora predominância cognitiva). O mecanismo de mudanças são os conflitos e crises (transformação dialética de funções). Por fim, o momento de maior convergência é na ideia de que o desenvolvimento é uma construção ativa que ocorre por meio da interação, mas Wallon complementa Piaget ao integrar a afetividade como fator central, especialmente nos primeiros anos de vida.

Portanto, para Wallon, a prática pedagógica deve ser um convite constante à interconexão funcional (afeto, motor e cognição), promovendo um ambiente rico em estímulos sociais e culturais (o “alimento cultural”) que atenda às crises e conflitos de cada estágio. Isso constitui o mecanismo de mudança de Wallon.

Em linhas gerais, embora Piaget e Wallon apresentem focos e estruturas de estágios distintos, a principal intersecção entre suas teorias reside na ênfase que ambos dão à ação e à interação do indivíduo com o meio, isso como motores essenciais do desenvolvimento. Piaget foca na interação do sujeito com o objeto (o meio físico) para a construção do conhecimento, onde a ação da criança leva à assimilação e acomodação de novos esquemas mentais. Wallon enfatiza a importância da interação com o meio social e humano, destacando a função mediadora da emoção e da afetividade para o



desenvolvimento da inteligência e da personalidade. Ambos veem a criança como um ser ativo no processo de construção de seu desenvolvimento e não apenas um receptor passivo de informações.

Diante das teorias apresentadas, entende-se que a atuação docente requer, cada vez mais, competências que vão além da transmissão de informações ou apenas manter a criança como espectador/ouvinte na sala de aula. Inclui processos de interação de instrumentos que constituem o desenvolvimento interno e a construção de saberes e a consolidação da evolução da aprendizagem.

5 CONCLUSÃO

A teoria interacionista de Piaget e a teoria sócio interacionista de Wallon oferecem contribuições importantes para entender que o desenvolvimento infantil é um processo dinâmico, que depende das condições biológicas (interna) e do ambiente (social), o qual é continuamente alterado e transformado pelas ações humanas. Os estágios propostos pelos dois teóricos, de certa maneira, contribuem para que educadores e psicólogos tenham bases para o reconhecimento em que estágio a criança se encontra. Pois permite a possibilidades de criar estratégias significativas para auxiliá-la em seu progresso ou, no mínimo, não interferir negativamente. O entendimento dos estágios do desenvolvimento ajuda a esclarecer os conflitos internos, as emoções e a formação da personalidade da criança, além de destacar o quanto ela depende do adulto para sua sobrevivência e evolução.

Diante da complexidade de ensinar e aprender, conclui-se que é imprescindível alternativas auto formativas e contínuas do professor nos estudos sobre teoria e prática. Essa busca é essencial para a compreensão das condições necessárias para o desenvolvimento da aprendizagem da criança que depende também do desenvolvimento biológico e emocional.

Em suma, embora as teorias do desenvolvimento cognitivo apresentadas sejam a base “científica” para a compreensão da criança, porém o sucesso do ensino e o progresso da aprendizagem depende do esforço contínuo do professor e da escola em adaptar esses conhecimentos à realidade singular e dinâmica de sua sala de aula, promovendo situações didáticas com interações e instrumentos significativos para constituição da desequilíbrio, equilíbrio e acomodação cognitiva definida por (Piaget), e a integração da pessoa completa segundo (Wallon). Entretanto, é essencial a continuidade de pesquisas que, a partir dessas teorias, desenvolvam novos conhecimentos eficazes que atendam às atuais necessidades sociais, pois os comportamentos mudam e se alteram ao longo do tempo.



REFERÊNCIAS

GALVÃO, Izabel. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Izabel Galvão. 24 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes.2023.

GIL, Antônio Carlos, 1946- Como elaborar projetos de pesquisa. Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em 11 de out. de 2025.

GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. Henri Wallon/Hélène Gratiot-Alfandéry; tradução e organização: Patrícia Junqueira. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Disponível em: <https://petpedufba.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/02/livro-wallon.pdf>. Acesso em 15 de out. 2025.

GOULART, Iris Barbosa, Psicologia da Educação: fundamentos teóricos e aplicação à prática pedagógica - 21. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. Reimpressão 2024.

LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em:

https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view. Acesso em 11 de out. 2025.

MOREIRA, Marco Antônio. Teorias de aprendizagem. 3 ed. Ampliada. Rio de Janeiro; Editora LTC, 2023.

PIAGET, Jean, 1896-1950. Seis estudos de Psicologia. Tradução Maria Alice Magalhaes D' Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 24 ed. Rio de Janeiro, 1999. Epistemologia Genética.

SAMPIERI, Hernandez Roberto. Metodologia de pesquisa. Hernandez Roberto Sampieri, Carlos Fernandez Collado, Maria del Pilar Baptista Lucio. 5. Ed. – Porto Alegre: Penso, 2013.

WALLON, Henri. Psicologia e educação da infância. Lisboa, Editorial Estampa, 1975 (coletânea).

XAVIER, Alessandra Silva. Psicologia do desenvolvimento / Alessandra Silva Xavier e Ana Ignez Belém Lima Nunes. – 4. ed. rev. e ampl. – Fortaleza: Endurece, 2015.